

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**DEIWSO AMARAL BELARMINDA**

**A FUNÇÃO DO CONCEITO DE HÁBITO NA TEORIA MORAL ARISTOTÉLICA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Marina Dos Santos

FLORIANÓPOLIS  
2019

*“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. ”*

**- EDUARDO GALEANO**

GALEANO, Eduardo. Las palabras andantes. Buenos Aires, Catálogos S.R.L., 1993

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Prof.<sup>a</sup> Dra. Marina Dos Santos pela sua imensurável paciência, assim como o seu incontestável desejo de fazer da melhor forma possível aquilo que se dispõe a fazer. Sou grato pela sua orientação.

Agradeço também à instituição UFSC: a todos os seus docentes, discentes e técnicos administrativos que se esforçam com o propósito de promover a educação, a ciência, a tecnologia e a cultura de nosso país. Que esta instituição possa continuar e avançar no exercício de sua função social de promoção do Ensino Superior público, gratuito e de qualidade.

Agradeço a minha família e amigos, em especial minha mãe, que nunca mediu esforços para ajudar alguém. Com certeza é uma referência de amor, de enfrentamento de dificuldades e, principalmente, de dar voltas por cima. Que seu nome fique registrado: Mariza Do Amaral.

## RESUMO

O conceito de hábito exerce uma função fundamental na teoria moral aristotélica. Na *Ética Nicomaquéia*, este conceito é requerido para a explicação das virtudes morais e articula os elementos racionais e emocionais do agente moral com vistas a explicar a natureza das virtudes e dos vícios. Em outras palavras, todas as ações reiteradas dos homens se tornam uma disposição de caráter da mesma qualidade. Os conceitos de *educação, razão e hábito* são fundamentais para a compreensão da natureza humana. Uma vez que os homens possuem capacidades naturais para aprender, para pensar, e para tornar suas escolhas um hábito. Aristóteles acredita na existência de uma natureza humana que possibilita capacidade aos homens, mas vai além disso através da formulação do conceito de hábito, pois é através deste que o indivíduo pode aprender e manter-se educado. Uma vida feliz é determinada no agir virtuoso contínuo. A vida eudaimônica, que é tratada por Aristóteles como finalidade humana, é uma atividade contínua, ou seja, depende dos bons hábitos e da mesma maneira pode ser afetada pelos maus hábitos.

**Palavras chaves:** Hábito. Moral. Virtude. Razão. Emoção. Educação.

## ABSTRACT

The concept of habit plays a fundamental role in Aristotelian moral theory. In Nicomachean Ethics, this concept is required for the explanation of moral virtues and articulates the rational and emotional elements of the moral agent with a view to explaining the nature of virtues and vices. In other words, all the repeated actions of men become a disposition of character of the same quality. The concepts of education, reason and habit are fundamental to the understanding of human nature. Since men have natural abilities to learn, to think, and to make their choices a habit. Aristotle believes in the existence of a human nature that enables men to be capable, but goes beyond this through the formulation of the concept of habit, for it is through this that the individual can learn and remain educated. A happy life is determined in continuous virtuous acting. Eudaimonic life, which is treated by Aristotle as a human end, is a continuous activity, that is, it depends on good habits, and in the same way can be affected by bad habits.

**Keywords:** Habit. Moral. Virtue. Reason. Emotion. Education.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2 CONCEITO DE HÁBITO NA TEORIA MORAL ARISTOTÉLICA</b>	<b>8</b>
<b>3 DISPOSIÇÃO DE CARÁTER</b>	<b>12</b>
<b>4 VIRTUDE MORAL</b>	<b>20</b>
<b>5 PRAZER</b>	<b>27</b>
<b>6 A VIDA EUDAIMÔNICA</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

Nossa monografia tem como propósito analisar o significado do conceito de hábito bem como sua função argumentativa para a sustentação da teoria moral aristotélica. Será observado que a teoria moral de Aristóteles é fundamentada nas ações humanas, ações essas que, sendo reiteradamente repetidas ao longo do tempo, engendram as disposições de caráter do agente moral. Desta forma, o conceito de hábito é essencial para o estudo das virtudes morais, assim como da vida eudaimônica, uma vez que uma vida feliz é alcançada através de um constante agir bem.

Em sua obra *Ética Nicomaqueia*, Aristóteles fundamenta sua teoria moral sobre o conceito de ‘natureza humana’. Porém, essa natureza não se trata de virtudes naturais e inatas, trata-se das capacidades naturais para aprender, para pensar, e para tornar as escolhas um hábito. Através da razão, o homem pode se reeducar, e através dos hábitos pode se manter educado.

Portanto, o conceito de hábito tem uma importância fundamental para a articulação da teoria da virtude moral que, por sua vez, tem um papel central na caracterização da vida humana feliz. Nesse sentido, quando Aristóteles afirma que, da escolha deliberada deriva-se a disposição de caráter, o filósofo está evidenciando a atuação do hábito, assim como quando afirma que é preciso ensinar os mais jovens a terem bons hábitos desde cedo. A vida eudaimônica, que é tratada por Aristóteles como finalidade humana, também é um exercício, ou seja, depende dos bons hábitos e da mesma maneira pode ser afetada pelos maus hábitos.

No primeiro capítulo, será mostrado os fundamentos da teoria moral de Aristóteles. Onde será constatado que as ações revelam as disposições de caráter e que, na *Ética Nicomaqueia*, as virtudes morais não são obtidas de forma natural e inata, porém são decorrentes do exercício repetitivo do agente moral. Em seguida, será analisado a definição de hábito, enquanto repetição de atos praticados pelo agente moral de maneira contínua. A conclusão consistirá que a educação moral, uma vez que os homens não possuem virtudes naturais e inatas, é decorrente das ações praticadas pelo indivíduo. Essas ações praticadas de forma repetitiva se tornam *disposições de caráter*, que serão desenvolvidas no capítulo seguinte.

No segundo capítulo, como foi afirmado anteriormente, será apresentado a definição das disposições de caráter. Observaremos que essas disposições dependem da educação moral e das experiências do indivíduo. Desta forma, o caráter do agente moral é formado através das suas ações reiteradas ao longo do tempo, enquanto desenvolve-se as virtudes morais do indivíduo. Em seguida, será analisado a possibilidade da flexibilidade de caráter. Uma vez que este é decorrente do hábito, mostra-se uma questão importante: é possível mudar as disposições de caráter de um agente moral maduro? A conclusão mostrará que as ações precedem as disposições de caráter. Sendo assim, apesar de ser muito custoso para o agente moral, as disposições podem ser alteradas pelo agir reiterado, que é onde começa às disposições de caráter. Para tal empreitada, o indivíduo necessita discernir acerca dos valores morais. Para isto, o agente moral precisa ter a parte emocional sob domínio da parte racional, pois a mudança das disposições de caráter se faz por uma busca de aperfeiçoamento moral. O tema sobre as partes racionais e emocionais do agente moral será discutido no capítulo seguinte, que trata da *virtude moral*.

O terceiro capítulo definirá o conceito de virtude moral, que trata de um domínio racional perante as emoções humanas. É através do agir reiterado que os elementos racionais

subordinam os elementos emocionais. Será estudado também o significado de emoção na *Ética Nicomaqueia*, assim como a escolha deliberada e os atos voluntários, todos componentes da virtude moral.

O quarto capítulo tratará do conceito de prazer na teoria moral aristotélica. Depois de estudar a virtude moral, será verificado que as ações humanas possuem elementos emocionais embutidos, esses elementos são constituídos de prazeres e desprazeres. Aristóteles afirma que o ser plenamente virtuoso sente prazer em agir bem. Para isto, o agente moral precisa estar com os elementos emocionais sob domínio dos elementos racionais. Será observado que o prazer não é um alvo perseguido pelo agente moral, mas que se trata de uma faculdade humana natural que deve estar alinhada com os valores morais do indivíduo, funcionando como uma complementação do bem agir.

No quinto e último capítulo, será desenvolvido um estudo sobre a vida eudaimônica. Onde será analisado o objetivo final dos homens, definido como o “sumo bem” por Aristóteles. Sendo assim, será observado que o fim último de cada pessoa é particular, porém, inevitavelmente, este fim abrange três categorias determinadas na *Ética Nicomaqueia*: a comunidade política, os bens básicos necessários para se viver e a sabedoria. Será concluído que o conceito de hábito é peça fundamental na vida eudaimônica, uma vez que esta é caracterizada por uma atividade virtuosa, onde o agente moral precisa manter um exercício constante e reiterado do agir bem.



## CONCEITO DE HÁBITO NA TEORIA MORAL ARISTOTÉLICA

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na *Ética Nicomaqueia*, Aristóteles fundamenta sua teoria moral no agir contínuo: ações isoladas não determinam o caráter de uma pessoa, porém seus hábitos, sim. O agente só é considerado virtuoso se age reiteradamente segundo virtude e, desta forma, possui tal hábito. Ao formular sua teoria moral, o filósofo grego aponta para uma finalidade humana, a eudaimonia. Sendo assim, o homem tem um caminho a trilhar, este percurso é de seu próprio interesse como indivíduo e precisa estar em equilíbrio com a comunidade política, a finalidade humana não pode ser prejudicial à vida em comunidade porque a natureza humana é fundamentalmente política.

As crianças se deparam com um mundo cheio de valores, heranças comportamentais, costumes e muitas outras atitudes que influenciam o engendramento de seus hábitos e sua educação. O homem, por ser um animal político, depende do convívio com outros seres humanos para aperfeiçoar e atualizar suas capacidades cuja perfeição os permite viver uma vida feliz. As ações revelam a disposição de caráter dos agentes morais, porque suas ações indicam os valores e a qualidade de seu pensamento prático. Seu caráter determina seus valores básicos, e seu intelecto prático determina como levá-los a efeito.

O filósofo em questão, afirma que ter um bom discurso ou entendimento sobre certos valores, não implica agir em concordância com eles. Aristóteles afirma que as virtudes são adquiridas pelo exercício *“Adquirimo-las pelo exercício, como também sucede com as artes. Com efeito, as coisas que temos de aprender antes de poder fazê-las, aprendemo-las fazendo*

(EN, II, 1, 1103a30) ”<sup>1</sup>. É necessário o acompanhamento da prática para que se efetue o ser virtuoso. É na constância de suas atitudes que os homens determinam suas disposições de carácter: *“Por exemplo, os homens tornam-se arquitetos construindo e tocadores de lira tangendo este instrumento. Da mesma forma, tornamo-nos justos praticando atos justos, e assim com a temperança, a bravura, e etc (EN, II, 1, 1103a30)”*. O significado do conceito de hábito está vinculado à repetição de ações de mesmo tipo ou qualidade.

## DEFINIÇÃO

Os hábitos funcionam como uma habilidade humana, através dos quais as pessoas podem desenvolver suas disposições de carácter. Desta forma, o carácter dos homens é uma consequência de suas ações, e não de sua natureza. Aristóteles afirma que *“Não é, pois, por natureza, nem contrariando a natureza que as virtudes se geram em nós. Diga-se, antes, que somos adaptados por natureza a recebê-las e nos tornamos perfeito pelo hábito.”* (EN, II, 1, 1103a25). Os indivíduos tornam o seu carácter da mesma qualidade dos atos que fazem repetidamente, é nas ações que os homens se mostram virtuosos ou não. Partindo deste princípio, Aristóteles elimina o conceito de virtudes morais naturais ou inatas do homem, afirmando que, por natureza, possuímos apenas capacidades, sendo assim, a disposição de carácter é formada pelos hábitos do agente moral. Aristóteles afirma que:

“Pelos atos que praticamos em nossas relações com os homens nos tornamos justos ou injustos; pelo que fazemos em presença do perigo e pelo hábito do medo ou da ousadia, nos tornamos valentes ou covardes. O mesmo se pode dizer dos apetites e da emoção da ira: uns se tornam temperantes e calmos, outros intemperantes e irascíveis,

---

<sup>1</sup> Usaremos a tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim para a língua portuguesa feita a partir da versão inglesa de D. Ross. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Col. Os Pensadores, vol. IV).

portando-se de um modo ou de outro em igualdade de circunstâncias. (EN, II, 1, 1103b10-20)”

Indivíduos maduros com uma certa experiência, por exemplo, possuem mais sabedoria do que os jovens. Porque já fazem esse exercício há muito tempo. É por meio do exercício que o indivíduo obtém sua virtude moral. Portanto, o bem agir é alcançado através do hábito. Em outras palavras, o agente moral deve treinar sua capacidade de agir bem. Como ele faz isso? A resposta é agindo.

A função dos hábitos no processo de educação do agente moral ainda imaturo, onde fazer é mais importante do que propriamente saber ou entender, é justamente fixar boas atitudes, acostumar o agente moral a agir bem. Busca-se, com vistas no futuro, a apropriação do agir bem e, posteriormente, a capacidade de discernir os valores no calor da vida, onde os indivíduos se deparam com situações que exigem os mesmos valores com atitudes diferentes. Os hábitos têm a função de iniciar o agente moral no caminho da excelência deliberativa. Como foi afirmado antes, os homens não possuem valores por natureza, tampouco os possuem somente pela teoria. É no exercício que os homens obtêm seus valores, o agir bem é a porta de entrada da boa educação moral. Como afirma Burnyeat (2010, p.160) :

Em ética, o modo apropriado para ao menos alguns pontos de partida é a habituação. A tese é que primeiro aprendemos (passamos a ver) o que é nobre e justo não por experiência de uma série de instâncias ou indução a partir destas, nem por intuição (intelectual ou perceptiva), mas aprendendo a fazer coisas nobres e justas, habituando-nos a uma conduta nobre e justa.

Enfim, Aristóteles afirma que os homens possuem capacidades, uma delas é a de se habituar. Ter bons hábitos é essencial para que o agente moral possua uma deliberação excelente, onde suas escolhas estão alinhadas com seus valores morais. Pois, é no agir

virtuoso que se começa a ser propriamente virtuoso. Este termo, hábito, representa muito bem toda sua teoria moral, que é baseada no exercício e na manutenção constante da vida. A vida, para o filósofo, é um todo e, independentemente da sua finalidade particular de cada indivíduo, é um agir contínuo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Determinamos o significado de hábito de uma maneira geral, onde o agir repetitivo é conservado. Introduzimos seu significado na *Ética Nicomaqueia*, que de uma maneira simplória, pode ser interpretado como um resumo de toda a teoria moral de Aristóteles. Pois é muito bem argumentado pelo filósofo que a finalidade humana não é feita de instantes isolados, vivências isoladas, pelo contrário, trata-se de um processo contínuo e coerente. É preciso ter hábitos virtuosos para ter uma vida virtuosa, hábitos esses que conduzam o homem a manter uma vida digna entre os outros homens. O conceito de hábito na teoria moral aristotélica pode ser formulado desta maneira: nossas ações reiteradas formam nosso caráter, pois se tornam uma disposição.

Observamos que a educação é parte importante do processo moral aristotélico. O conceito de hábito, por sua vez, é parte importante do processo educativo. Inicia-se a vida moral pela educação, que é preservada pelo hábito e aprimorada pela experiência. Afinal, é no calor da vida que fortalecemos o caráter, agindo com deliberação e repetindo ações de mesmo tipo ou qualidade formamos um hábito. Da mesma forma, observamos que Aristóteles afirma que os homens não nascem virtuosos, porém podem vir a ser em consequência de seus hábitos, sua educação, e experiências.

O próximo capítulo tratará da disposição de caráter, que é caracterizada pelas ações

reiteradas dos homens, a formação do carácter é fundamentada nos hábitos. Nosso carácter é formado por disposições geradas de atividades semelhantes. Veremos que é de grande importância para o agente moral se habituar a agir bem, pois só desta maneira se tornará virtuoso. Nossas escolhas, assim como as ações que praticamos são a sustentação da virtude moral.

## **DISPOSIÇÃO DE CARÁTER**

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

No capítulo anterior foi apresentado o conceito de hábito na teoria moral aristotélica. Ficou evidente a importância que o filósofo emprega para as ações, pois o carácter é decorrente delas. Neste capítulo, será dada continuidade no tema acerca sobre o conceito de hábito na teoria moral aristotélica, onde será estudado as disposições de carácter, que podem ser definidas como uma decorrência das ações reiteradas, em outras palavras, os hábitos.

Para o filósofo, os indivíduos têm, por natureza, a potência ou capacidade de desenvolver as virtudes, de aprender a praticá-las, de aprimorar sua educação, de reaprender. Portanto, na teoria moral aristotélica, existe uma natureza humana: desejos, paixões, emoções, razão, e é exatamente através desta última que o homem pode alterar seu rumo, mudar seu carácter, buscar virtudes. O agente moral se torna virtuoso através da prática de ações virtuosas, porém não em razão de ações isoladas, mas, sim, através de um agir contínuo e reiterado. Por esse motivo, o hábito é um conceito chave na teoria moral de Aristóteles. A

vida feliz é uma constante atividade, e ter bons hábitos é fundamental para sua obtenção e manutenção.

Na primeira parte deste capítulo será apresentado a definição de disposição de caráter na teoria moral aristotélica, em seguida será estudado a flexibilidade e inflexibilidade do caráter na *Ética Nicomaqueia*.

## DEFINIÇÃO

As disposições de caráter representam o modo de agir reiterado e são decorrentes das ações. Em outras palavras, refletem o que se faz repetidamente em uma mesma direção, nada mais são do que ações que foram enraizadas no agente moral. Este enraizamento ocorre pela constância de seu uso. As disposições de caráter retratam os valores morais de uma pessoa. Portanto, as disposições morais dependem da educação e de experiências do agente moral enquanto inserido no interior de uma determinada comunidade política. Dependem, para ser mais específico, das ações que o agente moral exerce repetidamente. Aristóteles afirma que “...as diferenças de caráter nascem de atividades semelhantes (EN, II, 1, 1103b20) ” , é a partir das ações que se formam as disposições. Em outras palavras, é a partir de atos repetidos em uma certa direção que se adquire as disposições correspondentes. As ações, como será observado a seguir, têm precedência sobre as disposições. Por exemplo, o homem se torna justo praticando atos justos, da mesma forma que se torna injusto cometendo injustiças. Sendo assim, as ações escolhidas e praticadas têm um peso nada pequeno na formação do caráter humano.

## AÇÕES

As ações possuem um peso de grande importância na teoria moral de Aristóteles, o filósofo é incansável em afirmar que a virtude é um hábito, e que hábito é uma decorrência de ação similar. Natali define as ações na *Ética Nicomaqueia* como o princípio das virtudes, assim como dos vícios. Desta forma, as ações são caracterizadas como o princípio das disposições de caráter. Nas palavras de Natali:

A tese de Aristóteles é que a origem da virtude, assim como a sua corrupção, deriva do tipo de ações que são realizadas: “cada virtude gera-se e destrói-se a partir e por meio das mesmas coisas” (EN II 1 1103b6-7). A ação é princípio da virtude em sentido causal: o agir bom produz a virtude e o agir mau produz o vício. Por exemplo, se alguém se habitua a realizar ações corajosas, torna-se corajoso e se alguém se habitua a realizar ações vis, torna-se vil (1996, p.103).

Uma vez que as virtudes morais não são inatas e que o agente moral tem poder de agir ou não agir, fazer desta ou daquela forma, suas ações são caracterizadas pelas escolhas. Pois, está sob seu poder deliberar acerca dos meios e escolher agir desta ou daquela maneira faz toda diferença para formação do seu caráter. Em outros termos, o caráter é formado por ações que poderiam ser escolhidas em outra direção, o que evidencia um *não determinismo* na teoria moral aristotélica. O agente moral tem o poder de escolher deliberadamente e é responsável por suas ações, assim como suas consequências. Portanto, as ações são o princípio causal, o começo de toda virtude e vício, pois não é por acaso e nem por determinação cósmica que se age desta ou daquela maneira, pelo contrário, age-se por escolha. Para isto, deve-se usar a

razão para auxiliar as ações e assim conseguir alcançar a virtude moral, que é fundamentada pelo domínio dos elementos racionais sob os elementos irracionais. Agindo desta maneira, o agente moral consegue agir na medida certa, do jeito certo, na hora certa, assim como sentir prazer em agir bem.

É correto afirmar que, até uma certa etapa da vida moral, o agir basta, pois é tudo que o agente moral necessita naquele momento: agir como o homem virtuoso agiria, pois se aprende a ser virtuoso agindo com virtude. O agir é o ponto de partida do desenvolvimento moral, e acompanha todo processo da teoria moral aristotélica. Mas, não se trata somente do agir, Aristóteles afirma que o agente moral deve buscar ter conhecimento para poder escolher deliberadamente o melhor agir e, com o tempo, tornar esta escolha uma disposição.

É fundamental que o agente moral tenha discernimento sobre suas ações, pois em ética não se trata apenas de agir, mas também de bem justificar racionalmente suas ações diante dos demais indivíduos inseridos na mesma comunidade política. As disposições de caráter devem ser decorrências de ações deliberadas, que são acompanhadas de valores morais que visam o bem (aparente ou real). Portanto, as ações são o princípio que move a vida humana e, uma vez que não os homens não são determinados a agir de tal maneira, suas escolhas fazem toda diferença na sustentação de uma vida, seja ela feliz ou infeliz, virtuosa ou viciosa, o princípio causal está no agente moral e com o auxílio da razão é possível sofisticar o agir, assim como atingir a excelência prática. Em outras palavras, o homem é o motor que move a própria vida e assim *se faz* diante de um mundo indeterminado.



## FLEXIBILIDADE DAS DISPOSIÇÕES DE CARÁTER

Observa-se que crianças e adolescentes não possuem uma disposição de caráter rígida, pois seu caráter ainda está em desenvolvimento e formação. Também é correto afirmar que, na *Ética Nicomaqueia*, a vida é um constante agir, viver bem significa conservar as boas ações que estão alinhadas com o propósito da vida de cada indivíduo. Portanto, o agente moral experiente, possui uma disposição de caráter rígida, onde suas ações reiteradas são preservadas. A diferença entre os agentes morais inexperientes e experientes, acerca do conceito das disposições de caráter na *Ética Nicomaqueia*, é que os primeiros estão em formação, já os segundos estão em estado de conservação moral. Conservar significa agir reiteradamente. Desta forma, não basta que os homens recebam desde sua juventude a melhor educação para assim obterem os melhores hábitos. Com efeito, é de suma importância ter uma base virtuosa, mas, é importante da mesma maneira a manutenção do caráter na fase madura do agente moral.

A discussão acerca da flexibilidade das disposições de caráter é um tema que merece destaque. O agente moral maduro, que já possui uma disposição moral firme, enfrenta uma grande dificuldade para mudar seu caráter, uma vez que Aristóteles afirma que “... e o próprio hábito muda dificilmente porque se assemelha à natureza (EN, VII, 10, 170, 1152a30)”, evidenciando assim, a força dos hábitos e a dificuldade de alterá-los. Pois, quando os homens se habituariam a escolher agir em uma certa direção, tornam-se inclinados a sempre escolher a mesma direção. Como foi afirmado anteriormente, a teoria moral aristotélica é fundamentada em um mundo que é indeterminado e os indivíduos são o princípio causal das suas escolhas,

porém possuem a capacidade de se habituar com as ações reiteradas, o que significa que têm uma tendência a continuar agindo da mesma maneira. Outro ponto que evidencia a dificuldade da flexibilidade das disposições de caráter, é a ênfase que o filósofo coloca na educação moral desde muito jovem. Aristóteles afirma, em muitas passagens, que é preciso iniciar o agente moral ainda muito cedo para que o mesmo obtenha bons hábitos, o que facilitaria o desenvolvimento dos seus valores morais no decorrer da vida. Aristóteles:

Ora, ignorar que é pelo exercício de atividades sobre objetos particulares que se formam as disposições de caráter é de homem verdadeiramente insensato. Não menos irracional é supor que um homem que age injustamente não deseja ser injusto, ou aquele que corre atrás de todos os prazeres não deseja ser intemperante. Mas quando, sem ser ignorante, um homem faz coisas que o tornarão injusto, ele será injusto voluntariamente. Daí não se segue, porém, que, se assim o desejar, deixará de ser injusto e se tornará justo. Porque tampouco o que está enfermo se cura nessas condições. Podemos supor o caso de um homem que seja enfermo voluntariamente, por viver na incontinência e desobedecer aos seus médicos. Nesse caso, a *princípio* dependia dele o não ser doente, mas agora não sucede assim, porquanto virou as costas à sua oportunidade - tal para quem arremessou uma pedra já não é possível recuperá-la; e contudo estava em seu poder não arremessar, visto que o princípio motor se encontrava nele. O mesmo sucede com o injusto e o intemperante: a *princípio* dependia deles não se tornarem homens dessa espécie, de modo que é por sua própria vontade que são injustos e intemperantes; e agora que se tornaram tais, não lhes é possível ser diferentes (EN, III, 5, 1114a10-20).

Quando Aristóteles afirma que “...e agora que se tornaram tais, não lhes é possível ser diferentes”, parece que o filósofo está sustentando um determinismo psicológico, onde o agente desenvolve-se até determinado momento e depois que adquire suas disposições de caráter não pode mais agir de maneira diferente.

Aristóteles mostra-se inclinado a reconhecer a dificuldade da mudança das disposições, porém o desenvolvimento da *Ética Nicomaqueia* é fundamentado no conceito de hábito,

estudado no primeiro capítulo. Pôde-se observar, que os hábitos são decorrências do agir reiterado, o que significa que as ações precedem as disposições de caráter. Desta forma, por mais que seja uma tarefa extremamente difícil para o agente moral, considerando a afirmação de Aristóteles que “... *o próprio hábito muda dificilmente porque se assemelha à natureza* (EN, VII, 10, 170, 1152a30) ”, as disposições morais podem ser alteradas através das ações. Pois, por maior que seja o condicionamento acerca das ações da mesma qualidade, não se deve esquecer que o caráter é formado por ações, desta forma o agir prevalece e precede as disposições. À vista disso, o agente moral pode alterar seu caráter modificando o seu agir. Por mais inclinados ou condicionados que se tornaram com o passar do tempo pelos hábitos, possuem a capacidade de mudança, uma vez que são o princípio causal do seu agir. Sendo assim, o homem que se torna inclinado em uma certa direção por agir justamente nesta direção, pode da mesma forma mudar sua inclinação escolhendo agir em outra direção.

A teoria moral aristotélica considera a mudança de caráter, porém tem os pés no chão, reconhece a dificuldade enfrentada pelo agente moral, pois, a *Ética Nicomaqueia*, é fundamentada justamente no agir. A ação, como foi afirmado anteriormente, *é o princípio causal da virtude* e apesar das disposições serem complexas, visto que são hábitos difíceis de alteração, ainda assim podem ser alteradas pelo agir redirecionado em outra direção.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudamos neste capítulo as disposições de caráter, sua flexibilidade, assim como sua subordinação perante às ações. Destacamos que na teoria moral aristotélica existe a possibilidade de mudança de caráter, apesar de ser definida como uma alteração difícil.

Aristóteles afirma que é “*mais fácil mudar o hábito do que alterar a nossa natureza* (EN, VII, 170, 1152a25)”, portanto, por mais custoso que seja, é possível mudar os hábitos mudando as ações. Este poder das ações sobre o caráter do agente moral caracteriza não somente a importância do agir, caracteriza da mesma maneira a importância da razão na teoria moral aristotélica. As mudanças dependem do agir para se tornarem novas disposições, mas dependem também da razão para que o agente moral possa ter discernimento sobre o seu agir e suas disposições.

No próximo capítulo estudaremos a virtude moral. O agir ainda é fundamental neste tópico da *Ética Nicomaqueia*, assim como as disposições de caráter. Porém a virtude moral corresponde aos valores morais de cada indivíduo. Neste tópico, estudaremos a função da razão acerca das emoções que estão presentes no agir humano. Observaremos que a virtude moral corresponde a uma educação emocional que visa o agir moderado. Apesar de ser caracterizada como uma tarefa difícil, uma vez que as emoções são classificadas na *Ética Nicomaqueia* como a parte irracional da alma, é de grande valor ter o domínio dos elementos racionais sob os elementos irracionais. Alcançamos este domínio através do exercício, habituando-se a agir moderadamente. Como afirma Hutchinson:

O problema com as emoções é que elas não são facilmente controladas pelo raciocínio; normalmente não faz a menor diferença tentar usar a razão para aplacar um sentimento de ódio, ira ou desejo. As emoções precisam ser controladas de uma outra maneira, a qual é de ser treinado por um longo período de tempo, preferivelmente desde muito jovem. A filosofia moral de Aristóteles é notável pela ênfase que coloca na eficiência do treinamento moral e na ineficiência da argumentação moral (2009, p.276).

Veremos que, apesar do raciocínio ser considerado um elemento fundamental para obtenção e manutenção das virtudes morais, ainda assim o conceito de hábito é primordial, uma vez que

o agente moral necessita de experiência e treinamento para que consiga de maneira eficiente ter o domínio dos elementos racionais sob os elementos irracionais.

## **VIRTUDE MORAL**

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Este capítulo tem como objetivo estudar a virtude moral e seus componentes: as emoções, onde as ações são prazerosas ou dolorosas; a escolha deliberada, onde o agente moral escolhe de forma voluntária a mesma ação repetidamente, fazendo deste agir um hábito; e as disposições de caráter, que são decorrências de ações mediadas pela razão, formando assim nossos valores morais.

Nesta parte da monografia, mostraremos que a virtude moral é um conceito chave na *Ética Nicomaqueia*. Até então, destacamos a importância das ações na teoria moral aristotélica, pois as disposições de caráter são decorrências de ações reiteradas. A virtude moral é uma disposição, porém é uma disposição de caráter provinda de uma escolha deliberada, onde o agente moral deliberou de forma voluntária e fez dessa escolha um hábito. Em outras palavras, virtude moral diz respeito aos valores morais de um indivíduo, onde a razão atua como mediadora entre as emoções e o agir correto. Antes de aprofundarmos na definição de virtude moral, se faz necessário um estudo acerca do significado de escolha deliberada e ações voluntárias na *Ética Nicomaqueia*.

Aristóteles define ações voluntárias todas as ações onde o princípio está no agente moral e quando este tem conhecimento das circunstâncias na qual a ação ocorre, podendo escolher

agir desta ou daquela forma. Os agentes morais são responsabilizados pelos seus atos voluntários, uma vez que poderiam ter agido de forma diferente. Como afirma Aristóteles:

Mas, quanto às coisas que se praticam para evitar maiores males com algum nobre propósito (por exemplo, se um tirano ordenasse a alguém um ato vil e esse alguém, tendo os pais e os filhos em poder daquele, praticasse o ato para salvá-los de serem mortos), é discutível se tais atos são voluntários ou involuntários. Algo de semelhante acontece quando se lançam cargas ao mar durante uma tempestade, ninguém voluntariamente joga fora bens valiosos, mas quando assim o exige a segurança própria e da tripulação de um navio, qualquer homem sensato o fará. Tais atos, pois são mistos, mas assemelham-se mais a atos voluntários pela razão de serem escolhidos no momento em que se fazem e pelo fato de ser a finalidade de uma ação relativa às circunstâncias. Ambos esses termos, “voluntário” e “involuntário”, devem portanto ser usados com referência ao momento da ação. Ora, o homem age voluntariamente, pois nele se encontra o princípio que move as partes apropriadas do corpo em tais ações; e aquelas coisas cujo princípio motor está em nós, em nós está igualmente o fazê-las ou não as fazer. Ações de tal espécie são, por conseguinte, voluntárias, mas em abstrato talvez sejam involuntárias, pois que ninguém as escolheria por si mesmas (EN, III, 1, 1110a5-20).

Portanto, a virtude moral é composta por atos voluntários, pois o agente moral precisa discernir por ele mesmo acerca das circunstâncias da vida. Na *Ética Nicomaqueia*, o princípio moral está no agente, este é livre para agir conforme seus valores. Como veremos a seguir, a virtude moral é caracterizada pelas escolhas deliberadas, e toda escolha deliberada é composta por atos voluntários, pois o princípio causal está no indivíduo que pratica tais atos. Porém, nem todo ato voluntário é caracterizado como uma escolha deliberada. Por exemplo, os animais e as crianças realizam atos voluntários, apesar de ainda não possuírem razão deliberativa.

A escolha deliberada ocorre através de uma razão deliberativa, que determinará as ações do agente moral, Aristóteles afirma que “ *De qualquer forma, a escolha envolve um princípio racional e o pensamento. Seu próprio nome parece sugerir que ela é aquilo que colocamos*

*diante de outras coisas* (EN, III, 2, 85, 1112a15)”. Desta forma, a escolha deliberada ocupa-se das escolhas possíveis de serem alcançadas pelo próprio esforço, trata-se de uma ponte que conecta o fim com o meio. Em outras palavras, o agente moral escolhe o meio deliberadamente buscando alcançar um desejo possível de ser atingido (fim). Para isto, o indivíduo precisa ter a parte emocional sob domínio da parte racional, só desta maneira que conseguirá escolher os meios possíveis, uma vez que desejará somente o atingível.

Em suma, a virtude moral é composta, primeiramente por atos voluntários, onde o agente moral decide por ele mesmo como agir, pois poderia agir de maneira diferente. Do mesmo modo, é composta de escolhas deliberadas, logo que o indivíduo opta por uma escolha estruturada na razão. É escolhendo deliberadamente coisas boas ou más que o agente moral mostra seu caráter virtuoso ou vicioso. Portanto, o agente moral deseja o fim, escolhe e delibera sobre o meio. Consequentemente, suas ações devem estar de acordo com as suas escolhas e serem voluntárias. A virtude é um exercício que diz respeito aos meios, desta forma, cabe ao indivíduo acatá-la ou não, uma vez que podem escolher agir com virtude, da mesma forma que podem escolher atos vis. Enfim, a virtude moral é caracterizada por um discernimento acerca das circunstâncias que envolvem o agente moral.

Após observarmos o funcionamento, assim como o processo da virtude moral, será estudado em seguida sua definição, onde será aprofundado o estudo sobre os elementos racionais e irracionais dos homens. Verificaremos que Aristóteles define os elementos irracionais como a parte emocional do indivíduo. Desta forma, estudaremos o significado de *emoção* na *Ética Nicomaqueia*. Assim como veremos que as escolhas deliberadas evidenciam os valores morais dos homens.

## DEFINIÇÃO

A virtude moral envolve os temas estudados anteriormente, as ações e as disposições de caráter. Ela é formada por este processo. Porém, o homem virtuoso não apenas age e faz desse agir uma disposição, ele sente prazer em agir bem e desprazer em agir mal. Observa-se que a virtude moral é acompanhada de emoção, são ações acompanhadas de prazer e desprazer. Aristóteles não ignora as emoções, pelo contrário, reconhece que esta é uma faculdade que os homens possuem e que precisam aprender a controlá-las e usá-las a seu favor. Para o filósofo, é de grande valor que os homens sejam educados desde a juventude a sentir prazer com as coisas certas. Por exemplo, sentir-se bem quando se age com virtude, assim como sofrer pelas coisas que são dignas de sofrimento, como os vícios. Com efeito, a excelência moral relaciona-se com o prazer e dor, e somente com o domínio da razão sob as emoções que o agente moral pode definir com o que se deve sentir prazer e dor, e o mais importante: como sentir na medida certa, onde sentir, quando e em que quantidade. Como foi afirmado anteriormente, a razão possibilita um aprimoramento do agir.

Aristóteles classifica as emoções como a parte irracional da alma dos homens, por isso é de grande importância a razão ter domínio sobre as emoções. Hutchinson afirma que *“As virtudes morais são hábitos consolidados de caráter que se expressam na resposta emocional correta. O que é a resposta emocional correta? É o que a razão diz que deve ser (2009, p.275)”*. Somente desta maneira que o agente moral poderá sentir prazer na medida certa, do jeito certo, no momento certo, assim como evitará o sofrimento na medida certa, do



jeito certo, no momento certo. A virtude moral é uma disposição que possui os elementos emocionais sob domínio da razão, e por isso são conservados na medida certa. Hutchinson segue afirmando:

Um homem que quer ter uma vida próspera e feliz tem de tornar-se um homem excelente. Somos compostos de uma parte racional e uma parte irracional, e o verdadeiro caráter moral consiste em ter os elementos irracionais sob o domínio dos elementos racionais. Os elementos irracionais são as emoções: por exemplo, a ira, o medo, o amor, a lascívia, a sede, a fome, a inveja, o ódio, a ambição, o ressentimento, a pena, o júbilo e em geral os eventos e condições mentais que são acompanhados pelo prazer e pela dor (2009, p.275).

Para manter a razão no domínio das emoções, é preciso que o agente moral faça disso um hábito. Como foi estudado anteriormente, o agir precede as disposições, portanto, é no exercício do agir moderadamente que a virtude moral é formada. Aristóteles reconhece que as emoções são difíceis de serem controladas, uma vez que as pessoas crescem sob uma forte influência emocional. Desde a infância, lidam com essas paixões que, através do hábito, acabam se tornando uma parte do seu ser. Em outras palavras, habitua-se a sentir prazer e dor logo no começo da vida, de forma que as ações girarão em torno desses elementos.

Portanto, uma das características da virtude moral é uma disposição emocional moderada, como afirma Aristóteles “*Admitamos, pois, que essa espécie de excelência tende a fazer o que é melhor com respeito aos prazeres e às dores, e que o vício faz o contrário* (EN, II, 3, 69, 1104b25)”. Para obter esta disposição, a razão deve ter um papel primordial perante as escolhas dos indivíduos. Aristóteles não despreza as emoções, o filósofo compreende que é uma capacidade natural e que os estudos acerca do agir humano e éticos precisam considerá-la. Sua teoria moral não busca reprimir os homens e sua natureza, busca conciliar o agir com as emoções sob o domínio da razão. A *Ética Nicomaqueia* lida com os homens e

suas capacidades naturais como um todo, onde a virtude moral é o agir moderado envolvendo todos os elementos que formam o agente moral. Nas palavras de Marco Zingano “ *Enfim, a virtude moral é expressamente concebida como conectada ao prazer e à dor e pode mesmo ser vista, em geral, como a boa medida de nossas emoções* (2008, p.13) ”. Não se trata, portanto, de renunciar a natureza emocional humana, pelo contrário, a teoria moral aristotélica concilia o agir e os homens em sua totalidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo observamos que o conceito de hábito abrange o emocional humano. O agir dos homens envolve elementos irracionais e elementos racionais. Conseqüentemente, o conceito de hábito na teoria moral aristotélica incorpora também nossas emoções e a maneira como direcionamos nossa razão. As virtudes morais são decorrências de um controle emocional que visam a moderação, este é o fundamento do bem agir, onde nossas escolhas não são excessivas e estão em concordância com a razão, desta maneira, o agente moral sente prazer agindo bem e desprazer agindo mal, processo fundamental para o desenvolvimento da vida eudaimônica. Como define Aristóteles:

Sua própria vida é apazível por si mesma. Com efeito, o prazer é um estado da alma, e para cada homem é agradável aquilo que ele ama: não só um cavalo ao amigo de cavalos e um espetáculo ao amador de espetáculos, mas também os atos justos ao amante da justiça e, em geral, os atos virtuosos do amante da virtude. Ora, na maioria dos homens os prazeres estão em conflito uns com os outros porque não são apazíveis por natureza, mas os amantes do que é nobre se comprazem em coisas que têm aquela qualidade; tal é o caso dos atos virtuosos, que não apenas são apazíveis a esses homens, mas em si mesmos e por sua própria natureza. Em consequência, a vida deles não necessita do prazer como uma espécie de encanto adventício, mas possui o prazer em si mesma. Pois que, além do que já dissemos, o homem que não se regozija com as ações nobres não é sequer bom; e

ninguém chamaria de justo o que não se compraz em agir com justiça, nem liberal o que não experimenta o prazer nas ações liberais; e do mesmo modo em todos os outros casos. Sendo assim, as ações virtuosas devem ser aprazíveis em si mesmas. Mas são, além disso, boas e nobres, e possuem no mais alto grau cada um destes atributos, porquanto o homem bom sabe aquilatá-los bem, sua capacidade de julgar é tal como a descrevemos. A felicidade é, pois, a melhor, a mais nobre e a mais aprazível coisa do mundo, e esses atributos não se acham separados como na inscrição de Delos: “*Das coisas a mais nobre é a mais justa, e a melhor é a saúde; mas a mais doce é alcançar o que amamos*”. Com efeito, todos eles pertencem às mais excelentes atividades; e estas, ou então, uma delas - a melhor -, nós a identificamos com a felicidade (EN, I, 8, 58, 1099a5-30).

Nos próximos capítulos veremos como o prazer e o conceito de eudaimonia são fundamentais na teoria moral aristotélica. Observaremos que, para Aristóteles, a própria concepção de felicidade representa uma totalidade, um agir reiterado, caracterizando assim, mais uma vez a importância do hábito na sua teoria moral.

Neste capítulo, foi observado também a relevância das partes emocionais humanas na formulação da *Ética Nicomaqueia*, uma vez que, com os elementos emocionais sob domínio da razão, os homens podem sentir prazer com as coisas certas e na medida certa. No próximo capítulo veremos a importância do prazer na teoria moral aristotélica.

## **PRAZER**

A inclinação humana pelos prazeres não é ignorada por Aristóteles, tampouco é vista como uma ameaça a vida virtuosa (exceto os excessos). Por ser uma capacidade natural, Aristóteles considera parte importante das virtudes morais sentir prazer com suas atividades. Mas, ser parte importante do processo moral e da vida humana, não significa que o agente moral deva buscar o prazer como fim de uma atividade, pelo contrário, deve sentir prazer por estar fazendo a coisa certa. Em outras palavras, a teoria moral aristotélica considera o prazer como uma coisa boa, desde que ele surja das atividades apropriadas, assim como na quantidade apropriada, nas circunstâncias e pelos motivos apropriados. Pois, uma vida feliz certamente incluirá o prazer como uma de suas qualidades.

Por ser importante na vida humana, o prazer é tema de discussão na *Ética Nicomaqueia*. O prazer, como afirma Aristóteles, está integrado na ação moral, não como motivo último para a ação, mas como complemento de sua realização. Como afirma Dorothea Frede (2009, p.239):

Em sua filosofia moral, Aristóteles também confere atenção à complexidade do prazer e da dor. Virtudes morais dizem respeito ao caráter apropriado das ações prazerosas e desprazerosas - disso dependem claramente seus conteúdos. Apreciamos ou sentimos desprazer por ações moralmente corretas ou incorretas. Como é o conteúdo intencional do sentimento ou a atitude o que determina sua natureza, o prazer pode ser julgado como bom ou vicioso, apropriado ou inapropriado, exagerado ou insuficiente. Aristóteles está preocupado com atitudes proposicionais, como é confirmado pelo fato de que a “medida correta” que ele exige do prazer e da dor não depende apenas da mera quantidade, ou seja, se há muito ou pouco.

Leva ainda em consideração o motivo, a circunstância e todas as demais qualificações de uma ação cuidadosamente especificadas por ele: as pessoas envolvidas, os objetos, a ocasião e os meios empregados para alcançar certo fim.

A incorporação do prazer na teoria moral está intimamente ligada ao conceito de hábito, pois é no exercício que os homens sentem prazer primeiramente. Agir corretamente também significa saber determinar a quantidade certa de prazer na atividade. Nas ações morais, Aristóteles afirma que o homem virtuoso sente prazer em agir bem. Para isso, o agente moral precisa ter discernimento sobre suas ações e possuir bons hábitos que estejam alinhados com seus valores morais dentro de uma comunidade política, pois é somente com esse conjunto que o indivíduo pode definir o que é o bem particular, assim como o bem para comunidade. Por este motivo, o filósofo grego deixa claro que os conceitos de hábito e prazer devem ser introduzido na educação moral desde muito cedo no indivíduo. Uma vez que, durante muito tempo, pelo menos na infância e uma parte da da juventude, o senso de prazer é a única motivação. Desta forma, os homens devem habituar-se a sentir prazer por coisas nobres desde muito cedo, para que suas partes irracionais (emoções) possa se desenvolver em conexão com o bem agir e seus objetivos corretos.

Trata-se de uma iniciação, pois é com o desenvolvimento da virtude moral que o indivíduo irá sentir prazer em agir bem, conforme seus valores morais. Possuir bons hábitos desde cedo e, conseqüentemente, ter discernimento sobre suas ações é a ponte que liga o agir bem com o prazer, onde o agente sente-se bem agindo bem. Como afirma Burnyeat ( 2010, p.180,182):

Há três categorias irreduzíveis de valor sobre as quais o homem plenamente virtuoso tem de estar certo: a persecução do prazer é parte inata de nossa natureza animal; a preocupação com o que é nobre

depende da boa criação, ao passo que o bem, aqui especificado como o que é vantajoso, é o objetivo da reflexão madura. Vimos que cada uma dessas três categorias se liga a um conjunto distinto de desejos e sentimentos, que adquirem efeito motivador em diferentes estágios do desenvolvimento (...) No homem virtuoso, as três categorias de valor estão em harmonia: elas se *tornaram* comensuráveis em termos de prazer e sofrimento, mas não do modo aberto a objeções que levava ao intelectualismo socrático, visto que a concepção que a pessoa virtuosa possui do que é verdadeiramente prazeroso está agora moldada por sua concepção independente e arrazoada do bem, tal como antes estava moldada por aconselhamento de seus pais ou mestres acerca do bem. Com efeito, uma definição do que é nobre oferecida na *Rhetorica* (1366a34) é: aquilo que, sendo bom, é prazeroso porque é bom. E, com as três categorias em harmonia, então, e apenas então, nada nos atrairá ou seduzirá tanto quanto a própria ação temperante ou corajosa. Nada mais parecerá tão prazeroso.

Portanto, sentir prazer com as coisas certas e na medida certa é parte fundamental no desenvolvimento da teoria moral aristotélica. É através do exercício auxiliado pela razão, onde as escolhas dos homens sempre devem apoiar-se, que o agente moral pode alcançar tal feito. Desta forma, o indivíduo aprende, através dos bons hábitos, a sentir prazer pelo que é, de fato, bom.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi estudado até aqui que a educação moral começa pelo agir, é agindo como o homem virtuoso agiria que o jovem agente moral adquire bons hábitos. Como vimos, aprendemos com a prática, mas não se trata de uma prática isolada, o aprendizado moral é desenvolvido através da prática reiterada. Aristóteles tem, ao menos, três grandes motivos para dar tamanha ênfase na função do conceito de hábito em sua teoria moral. O primeiro deles é o fato dos

hábitos serem como uma segunda natureza humana. Sendo assim, o agente moral que foi bem-educado com bons hábitos, terá mais facilidade para discernir suas ações no futuro e sentirá prazer agindo bem, pois aprendeu assim. As ações, como foi afirmado antes, prevalecem sobre as disposições de caráter, sendo assim, nossas disposições morais são decorrentes de ações similares, em outras palavras, os hábitos. O segundo motivo trata-se dos elementos irracionais, as emoções. Quanto a este assunto, Aristóteles usa esta capacidade natural, que seja a *capacidade de sentir prazer*, para complementar os bons hábitos. Em outras palavras, o agente moral sente prazer em agir bem porque é a coisa certa a se fazer e não existe prazer maior que esse. Neste caso, a função do conceito de hábito é habituar o agente moral a sentir prazer nas ações virtuosas e desprazer no tocante às ações vis. O terceiro motivo, talvez o mais importante deles, é o desenvolvimento da virtude moral, onde nossos elementos racionais possuem o domínio sob os elementos irracionais. É uma espécie de sofisticação do bem agir, onde os hábitos deixam de ser ações meramente copiadas do homem virtuoso e se tornam valores do agente moral. Dito de outra maneira, o agente moral entende o porquê das suas boas atitudes e sabe usar seus valores adquiridos pela prática de uma maneira racional e, conseqüentemente, de uma forma emocional moderada.

O que era mecânico se torna virtuoso, toda essa harmonia psíquica tem começo no conceito de hábito e sua função vai além disso, pois é preciso manter os bons hábitos em todas etapas da vida. O conceito de hábito é a base da estrutura moral de Aristóteles, dessa estrutura deriva-se o prazer em fazer o bem e o desenvolvimento da virtude moral, dois grandes pilares da vida humana em uma comunidade política.

No próximo capítulo estudaremos a vida eudaimônica, onde será evidenciado que a união de todos os tópicos estudados até aqui: *ações, disposições de caráter, virtude moral, prazer*, formam um todo coerente que possibilita ao agente moral uma vida próspera, na qual

poderá desejar e alcançar seu objetivo maior, seu fim último que visa, como veremos, o *sumo bem*.

## A VIDA EUDAIMÔNICA

Na *Ética Nicomaqueia*, Aristóteles afirma que as habilidades humanas e os tipos de conhecimento que se adquire e usa-se ao longo da vida devem estar direcionados a alcançar certos objetivos por conta de objetivos mais elevados. Desta forma, os objetivos mais elevados são melhores do que os inferiores, e seguindo este processo, chega-se a um bem último. Todo ser humano deve ter um propósito a ser alcançado, um fim último onde todos os outros fins seriam desejados em função deste. Como afirma Aristóteles:

Ora, como são muitas as ações, artes e ciências, muitos também são os seus fins: o fim da arte médica é a saúde, o da construção naval é um navio, o da estratégia é a vitória e o da economia é a riqueza. Mas quando tais artes se subordinam a uma única faculdade - assim como a selaria e as outras artes que se ocupam com os aprestos dos cavalos e se incluem na arte da equitação, e esta, juntamente com todas ações militares, na estratégia, há outras artes que também se incluem em terceiras -, em todas elas os fins das artes fundamentais devem ser preferidos a todos os fins subordinados, porque estes últimos são procurados a bem dos primeiros. Não faz diferença que os fins das ações sejam as próprias atividades ou algo distinto delas, como ocorre com as ciências que acabamos de mencionar. Se, pois, para as coisas que fazemos existe um fim que desejamos por ele mesmo e tudo o mais é desejado no interesse desse fim; e se é verdade que nem toda coisa desejamos com vistas em outra (porque, então, o processo se repetiria ao infinito, e inútil e vão seria o nosso desejar), evidentemente tal fim será o bem, ou antes, o sumo bem.(EN, I, 1-2, 49, 1094a5-20).



Com efeito, torna-se claro que o fim último é relativo para cada pessoa, uma vez que são diferentes e buscam coisas distintas. Porém, Aristóteles sustenta que existem três categorias que são extremamente essenciais nesta investigação: a comunidade política, uma vez que os homens são animais políticos e aprender a viver bem numa comunidade é determinante para se alcançar uma vida próspera; da mesma forma, é importante ter acesso aos componentes básicos necessários para se viver, como: alimentação, moradia, bens necessários em geral; e, por fim, viver de acordo com sua natureza, que é caracterizada pela razão, o homem feliz vive uma vida dirigida pela razão. Os homens devem buscar essas habilidades para poder desejar e alcançar o fim último. Portanto, este “sumo bem” definido na *Ética Nicomaqueia* como fim último da vida dos homens é alcançável e situa-se nas três categorias citadas acima. Como afirma Hutchinson:

Os bens que são relevantes para investigação de Aristóteles são os objetivos perseguidos pela “política”, “economia” e “sabedoria”, as habilidades deliberativas exigidas de um homem que deve ser responsável por uma comunidade política, uma casa, ou a si mesmo. Aristóteles refere-se à combinação dessas habilidades práticas como a “habilidade mestra”, o principal tipo de conhecimento que um jovem sensato precisa adquirir (2009, p.263).

Para Aristóteles, a função última dos elementos racionais é conceber uma vida próspera para os homens “... afirmamos ser a função do homem uma certa espécie de vida, e esta vida uma atividade ou ações da alma que implicam um princípio racional (EN, I, 7, 56, 1098a10)”, viver uma vida que é fundamentada nesse princípio significa ser guiado pelas virtudes mais importantes alcançadas pelo homem. Em outras palavras, significa viver uma

vida de atividade inteiramente virtuosa. Não se trata de momentos isolados, a vida eudaimônica é caracterizada por um agir virtuoso constante. Como afirma Aristóteles:

É natural, portanto, que não chamemos feliz nem o boi, nem ao cavalo, nem a qualquer outro animal, visto que nenhum deles pode participar de tal atividade. Pelo mesmo motivo, um menino tampouco é feliz, pois que, devido à sua idade, ainda não é capaz de tais atos; e os meninos a quem chamamos felizes estão simplesmente sendo congratulados por causa das esperanças que neles depositamos, há um mister não só de uma virtude completa mas também de uma vida completa, já que muitas mudanças ocorrem na vida, e eventualidades de toda sorte: o mais próspero pode ser vítima de grandes infortúnios na velhice, como se conta de Príamo no Ciclo Troiano; e a quem experimentou tais vicissitudes e terminou miseravelmente ninguém chama feliz (EN, I, 9, 59, 1100a,5)

Observa-se nas palavras de Aristóteles citadas acima, assim como ao longo de toda sua teoria acerca do conceito de hábito na vida moral dos homens, que a vida eudaimônica corresponde a uma completude. Em outras palavras, é uma atividade inteiramente virtuosa que abrange toda a vida do agente moral, que é caracterizada por um agir constante e reiterado. Desta forma, o conceito de hábito é peça fundamental para uma vida feliz, uma vez que não se trata de atividades isoladas, trata-se, com efeito, de hábitos virtuosos. Por exemplo, infortúnios podem acontecer na vida de um indivíduo maduro que até então dizia-se feliz, agora, entretanto, não se pode mais chamá-lo de feliz, uma vez que a vida eudaimônica não é caracterizada somente pelo passado, é um processo contínuo. Podendo, desta forma, ser prejudicada pelas escolhas erradas e, da mesma maneira, ser melhorada pelas escolhas virtuosas. Destaca-se também que, ser feliz, significa exercer a *manutenção da vida virtuosa* no âmbito particular e da comunidade política. Uma vez que os homens são seres políticos por natureza, devem aprender a conviver em comunidade, isto significa que o alicerce da vida

política deve ser a razão, é desta maneira que se alcança o sumo bem particular e comunitário. Uma vida fundamentada no exercício da razão significa que o agente moral possui os elementos irracionais (emoções) subordinados aos elementos racionais, desta forma o indivíduo age com prudência acerca das situações que exigem sua reflexão. Como foi afirmado anteriormente, a virtude moral só é possível por conta desta prevalência racional, pois o agente moral precisa escolher por deliberação seus atos. Sendo assim, uma vida feliz é fundamentada no agir virtuoso, que é caracterizado pelas escolhas deliberadas, o que evidencia a extrema importância do raciocínio no decorrer da vida do agente moral e também de uma comunidade política. Uma vez que a virtude moral é considerada uma habilidade de convivência em comunidade.

Portanto, a teoria moral aristotélica não desconsidera as necessidades do corpo e dos bens materiais, pelo contrário, sustenta que são importantes para uma vida feliz. Assim como a vida política, que faz parte da natureza humana. A felicidade é determinada por um agir virtuoso constante, isso significa que a razão, assim como a virtude moral, está ligada diretamente com a vida eudaimônica. Nas palavras de Hutchinson:

Qual é então a maneira mais próspera de vivermos? Como toda outra criatura no mundo, o homem tem uma particular natureza, e a melhor maneira de viver, para um homem, é viver de acordo com sua natureza, que é ser uma criatura dirigida por uma alma racional. A verdadeira função das almas humanas racionais é fazer os homens viverem bem - em outras palavras, de uma maneira racional. Viver uma vida bem vivida é o melhor bem possível para o homem, e isto é o que é ser próspero como ser humano. Viver bem significa viver sua vida sendo guiado pelas virtudes da alma. Uma vez que a prosperidade é um objeto perfeito e autossuficiente, ela tem de incluir a vida toda e todas as virtudes mais importantes. Prosperidade na vida, o melhor bem possível para o homem, é portanto viver toda sua vida de uma maneira racional, sendo guiado pelas melhores virtudes da alma racional (2009, p.263).

Como foi constatado, a vida eudaimônica só é possível porque os homens são seres racionais. É através da razão que o agente moral pode alcançar a excelência deliberativa, e é através dos hábitos que pode manter uma vida virtuosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com efeito, o conceito de hábito está diretamente ligado a vida feliz, uma vez que alcançar tal feito abrange todos os tópicos estudados anteriormente. Em outras palavras, para ser feliz e manter-se feliz, o agente moral precisa agir bem e fazer dessas ações um hábito, deve ter boas disposições de caráter; da mesma forma, precisa ter a virtude moral desenvolvida, onde a razão tem domínio sobre os elementos emocionais, desta forma, o agente moral pode deliberar com vistas para o bem acerca de suas escolhas no calor da vida; agindo assim, o indivíduo sentirá prazer na medida certa e pelo próprio ato virtuoso. Agir bem é prazeroso, pois é a coisa certa a se fazer. Consequente, ter uma vida próspera significa fazer desse processo virtuoso um hábito, a própria atividade eudaimônica é caracterizada por uma disciplina, em outras palavras, um exercício constante e reiterado, Hutchinson afirma:

É muito apropriado que a prosperidade deve ser adquirida pela disciplina e educação que promovem a atividade virtuosa (...) A compreensão que Aristóteles tem da prosperidade é consoante com todas as opiniões respeitáveis sobre o assunto: ela envolve ter sabedoria; envolve ter as virtudes; envolve viver bem e fazer as coisas bem; até mesmo envolve o prazer, pois o homem virtuoso tem satisfação em viver de acordo com seus ideais (2009, p.264).

Enfim, observamos neste capítulo que os tópicos estudados anteriormente fazem parte de um todo, ou seja, a atividade eudaimônica. Verificamos que o conceito de hábito abrange todo o processo virtuoso da vida próspera sustentada por Aristóteles. Observamos que o fim último de cada indivíduo é relativo, mas que é fundamental ter os elementos racionais bem desenvolvidos e assim podemos agir de uma maneira emocional moderada. Desta forma, podemos sentir prazer na medida certa e pelas coisas certas. Uma vida virtuosa envolve ter uma educação moral excelente, assim como agir sempre com razão. Nós somos o que fazemos, para ser mais exato, somos o que fazemos constantemente. Em suma, a vida eudaimônica é caracterizada por um constante agir virtuoso, a vida feliz é definida pelos hábitos do agente moral na sua totalidade.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Borheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Col. Os Pensadores, vol. IV)

BURNYEAT. M. “Aprender a ser bom segundo Aristóteles”. In: ZINGANO, M. (Org.). *Sobre a Ética Nicomaqueia de Aristóteles*”. São Paulo, Odysseus, 2010, pp.155-182.

NATALI, C. "A base metafísica da teoria aristotélica da ação", *Analytica*, v.1, nº 3. Rio de Janeiro: 1996

HUTCHINSON, D. S. “Ética”. In: BARNES, J. (Org.) *Aristóteles*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009, pp. 255-298.

FREDE. D. “Prazer e dor na ética aristotélica”. In: KRAUT, Richard. *Aristotéles - A Ética a Nicômaco*. Porto Alegre, Artmed, 2009, pp.236-253.